

**REFLEXÕES ACERCA DO ESPAÇO E AS POTENCIALIDADES
DO/NO “SLAM DAS MINAS” (RJ)**

Thayná Cagnin Maia
Mestranda em Geografia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Thaynacagnin16@hotmail.com

RESUMO:

Este artigo é um exercício de pensar agência política e formas criativas de resistência na cidade a partir da arte. Tendo por intenção aproximar a dimensão do cotidiano, com um olhar atento à escala do corpo. O objetivo geral da reflexão situa-se no esforço de produzir uma leitura das apropriações do espaço urbano a partir do evento Slam das Minas (RJ), com destaque para o corpo e a corporeidade como escala de observação e análise. A ideia é entender qual é a importância de um Slam feito por mulheres e pessoas trans e refletir sobre o uso da poesia enquanto ação política. O horizonte é tecer diálogos entre geografia e arte tendo como preocupação a busca por pensar a dimensão da espacialidade deste evento. Uma ação com potencialidades de provocar ocupações nos espaços públicos da cidade, onde a arte ocupa o lugar de insurgência, produzida enquanto gesto político.

Palavras-chave: Apropriação do Espaço; Geografia e Corpo; Ação e Política.

GT – GT 11 – Práticas culturais na produção da cidade

INTRODUÇÃO

Na busca de uma prática científica que faça sentido e enquanto educadora que acredita na educação como prática da liberdade, tal como nos fala bell hooks¹ ([1994] 2013), não abandono as esperanças com a utopia de outro mundo possível. Nosso ponto de partida é a espacialidade produzida a partir dos eventos de apropriação do espaço público pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ), sua materialização e uma descrição do seu realizar-se. A escolha dessa ação para reflexão se dá pelo fato de enxergar nela uma potência. Falamos de diferentes corpos que em aliança, se reúnem em espaços públicos da cidade e fazem da poesia um instrumento que dá forma às queixas e exigências de um existir marcado por tantas injustiças sociais.

Esse artigo tem por objetivo entender os sentidos e os efeitos políticos da participação feminina no *slam poetry* brasileiro, bem como expor e refletir sobre como essa forma de manifestação artística se relaciona com os espaços da cidade. O objetivo geral da reflexão situa-se no esforço de produzir uma leitura das apropriações do espaço urbano a partir dos eventos promovidos pelo Coletivo Slam das Minas (RJ), tendo por intenção pensar as articulações possíveis entre os debates levantados pelo campo temático da geografia urbana, com formas criativas de resistência na cidade. Busca-se com isso, alcançar um entendimento aproximado sobre como mulheres e pessoas trans estão atuando politicamente, por meio da poesia falada (*spoken word*) e da união de seus corpos em espaços públicos da cidade do Rio de Janeiro através dos eventos de *Slam*.

Nesse sentido, a reflexão que se pretende construir aqui, situa-se no esforço de produzir uma leitura sobre as possibilidades de devir e os sentidos das apropriações do espaço

¹ bell hooks é o pseudônimo de Gloria Jean Watkins, escritora norte-americana. Ela adotou esse nome em homenagem à sua bisavó, Bell Blair Hooks. Em respeito à autora a escrita deve ser em letra minúscula, pois segundo à autora: “o mais importante em meus livros é a substância e não quem sou eu”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/a-pedagogia-negra-e-feminista-de-bell-hooks/>

no pensamento de Lefebvre (1974), tendo o corpo e a corporeidade como escala de observação e análise. O horizonte que temos como meta é a tentativa de entender as dinâmicas que estão associadas aos corpos femininos, suas apropriações dos espaços e seus usos. O que se reivindica é uma geografia preocupada com a escala do corpo e da corporeidade nos espaços. Nesse sentido, uma geografia existencial (SANTOS, 1996) e corporificada (OLIVEIRA, 2019) aparece como uma perspectiva teórico-metodológica que busca evidenciar práticas sociais que constroem diferentes espaços geográficos a partir da ideia de corpo-espacialidade (ibid, 2019).

Essa reflexão situa-se de maneira geral, tendo como ponto de partida um olhar para o espaço, partimos do espaço geográfico como sugere Milton Santos ([1996] 2002). A localização, a situação ou a espacialidade é o que concerne como nossa preocupação. De modo específico, o foco do nosso olhar se encontra no evento *Slam* das Minas (RJ), concebido aqui como uma ação dotada de propósitos e intencionalidades. Buscamos como objetivo mais geral, formular questões sobre os sentidos contidos nessa ação, quais virtualidades ela aponta e sua configuração espacial. Costuras entre a dimensão política e ideológica dos espaços, operacionalizadas a partir da articulação entre a leitura de espaço geográfico nas reflexões de Milton Santos (1996) na sua obra *A Natureza do Espaço* com as possibilidades de abertura de uma nova política do espaço/espacialidade defendida por Doreen Massey (2004) no texto *Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações*.

Em termos de método, essa reflexão ampara-se em autores que se situam enquanto interlocutores da teoria social crítica na geografia. Localizam-se no movimento do pensamento da ciência geográfica onde a reafirmação da espacialidade torna-se uma problemática central para a disciplina. O espaço nesse sentido é visto como relacional, que é a um só tempo condição, meio e produto da sociedade (SANTOS, 1996; MASSEY, 2004; HARVEY, 2012). Trata-se uma perspectiva que busca alcançar as relações entre, dentro e para além dos espaços materiais, no sentido de pensar as virtualidades. Uma geografia atenta à escala do corpo e da corporeidade (OLIVEIRA, 2019) que almeja a partir do recurso da descrição, pensar os sentidos e os efeitos políticos de intervenções culturais no espaço da cidade por meio do evento *Slam* das Minas (RJ). As categorias lugar e cotidiano no pensamento de Milton Santos ([1996] 2002) nos ajudam a tecer aproximações com o real analisado, tendo como horizonte o espaço como um convite à ação.

Para operacionalizá-la contaremos com algumas ferramentas teórico-metodológicas. Interessa-nos uma epistemologia preocupada com as existências e suas dimensões espaciais (SANTOS, 1996; SILVEIRA, 2006). Desse modo, o texto encontra-se estruturado em duas partes. No primeiro movimento-momento trataremos da apresentação da ação escolhida para a reflexão, as protagonistas do seu realizar-se e as intencionalidades do evento/ação. Trata-se de olhar para o *Poetry Slam* com ênfase no Coletivo *Slam* das Minas (RJ). O segundo movimento-momento está situado na busca por construir laços entre uma abordagem preocupada com o espaço em perspectiva relacional e as potencialidades das intervenções culturais e políticas protagonizadas pelo Coletivo supracitado, a partir da poesia.

Slam das Minas (RJ): A construção de espaços de insurgência a partir da poesia

A partir de um olhar atento aos lugares, é possível reconhecer que mesmo diante do avanço da precariedade da vida, pequenos sinais de resistência surgem em meio ao asfalto cinza das cidades. Gestos que apontam o desejo e a esperança por uma outra configuração de amanhã. Apesar da aparência de caos permanente, são situações que apontam que os sentidos do futuro se encontram em disputa. Tal realidade nos permite pensar que no acontecer do cotidiano, existem disputas políticas por outros usos e sentidos da cidade diante do que está posto.

Se a pergunta fosse “Como você descreveria as poesias feitas no *slam*?” em uma primeira tentativa, responderia: Trata-se de uma forma de arte que se expressa por meio de cantos e rimas, organizados em versos que falam das dores e amores do viver comum. O corpo é parte central da cena. Por meio dele, emoções e sensações são compartilhadas com o público através de gestos, performances e diferentes entonações na fala de quem se encontra no lugar de poeta. A palavra é elemento central e por meio dela pontes são construídas tendo como horizonte o desenvolvimento de uma consciência crítica.

A título de síntese, os *poetry slams*, ou apenas *slams* como são conhecidos, corresponde a um movimento artístico de caráter urbano e periférico. Como protagonista da ação temos Mark Kelly Smith, na época um operário da construção civil e poeta, que em 1986 no Green Mill Jazz Club, um bar situado na vizinhança da classe trabalhadora branca no norte de Chicago, nos Estados Unidos, criou uma espécie de apresentação que combinava “poesia dadaísta,

cabaré, experimentação musical e arte performática (SOMERS WILLETT, 2009, p.3). Uma ação que contou com a colaboração de outros artistas, e que foi se construindo ao longo do fazer até alcançar uma espécie de forma ou esquema que é hoje reproduzido mundialmente. Nessa (re)produção mantem-se os princípios fundantes, mas também é aberta para as singularidades e particularidades das conjunturas em que nasce. Como conta Roberta Estrela D'alva, o desejo pelo qual a ação de Mark foi motivada era uma tentativa de “popularização da poesia falada (*spoken word*) em contraponto aos fechados e assépticos círculos acadêmicos (2011, p.120).”

Atualmente o movimento tem se convertido numa espécie de *ágora* contemporânea, um lugar onde são colocados em evidência e convocados para a reflexão questões do cotidiano, com destaque para seu caráter artístico, mas também político como argumenta D'alva (2019). Trata-se de uma: “a auspiciosa junção de política, arte, entretenimento e jogo, somada à sua vocação comunitária, fazem com que os *slams* sejam celebrados em comunidades no mundo todo, com realidades completamente distintas (p.271). Um elemento central do *slam* ou o sentido que mais se destaca nessa ação, é a ideia de democratizar o acesso à poesia enquanto princípio. Outra característica marcante no *slam* é a subversão da concepção de que as poesias podem existir apenas enquanto manifestação escrita (D'ALVA, 2019).

Pesquisando a temática e vivenciando “a cena” a mais de dez anos, Roberta Estrela D'alva², é um importante nome quando se fala em *slam* no Brasil. Roberta é uma mulher negra, pesquisadora, *slammer*³ e ativista responsável por trazer essa prática para o Brasil, idealizando o primeiro *slam* nacional⁴, o ZAP! – Zona Autônoma da Palavra. Para D'Alva (2011, p.109) definir o *slam* não é uma tarefa simples, pois, ao longo dos anos, essa prática cruzou as fronteiras da literatura, constituindo-se hoje para além de um acontecimento poético, sendo também “um movimento social, cultural e artístico celebrado hoje em diversos países”. Segundo a autora, os *slams* podem ser definidos como uma competição de poesia falada (*spoken word*), um espaço para livre expressão poética, uma *ágora* onde questões da atualidade são debatidas, bem como uma forma de entretenimento (D'ALVA, 2011).

Possuidor de uma configuração específica, um dos destaques do evento/movimento é seu formato similar à um jogo, ou nos termos usados por Roberta Estrela D'alva um “jogo

² Nome artístico da pesquisadora Roberta Marques do Nascimento.

³ *Slammer* é o termo utilizado para nomear às/os poetisas que participam do *poetry slam*.

⁴ A primeira edição do ZAP! - Zona Autônoma da Palavra foi realizada em 2008, na cidade de São Paulo, pelo Núcleo de Depoimentos Bartolomeu. Realizado em um espaço privado, porém constituindo-se como um evento de caráter gratuito.

cênico”. Torcida, emoção, sensibilização a partir das palavras são traços marcantes desse encontro. O público longe de ocupar um lugar de passividade é parte fundamental nesse acontecer, desenvolve-se ali naqueles instantes uma interação entre poeta-público. Nota-se uma escuta atenta e ativa, onde por meio de gritos, palmas, estalar de dedos e sons, o público presente nos eventos demonstra para a(o) poeta o quanto seus discursos têm a capacidade de tocá-los, de afetar quem os escuta. Outro destaque importante nesta ação é o caráter gratuito dos eventos de *slam*.

Partilhando da sistematização de dados produzidos em sua tese de doutoramento, Roberta Miranda do Nascimento⁵ (2019), com tema *Vocigrafia*, apresenta o último levantamento feito pelo SLAM BR⁶ que apontou para a existência de 210 *slams* em 20 estados brasileiros⁷ em 2019, associados à contextos periféricos. A também pesquisadora do tema, Tayná de Sá (2021), aponta que temas sociais como violência, preconceito, questões ligadas à sexualidade e o sentimento de baixa representatividade política possuem destaque nos *slams* brasileiros (DE SÁ, 2021, p.5).

Com destaque para o recorte de gênero, como é o caso dos grupos como o *Slam* das Minas, temos uma organização cujo objetivo central é acolher e dar protagonismo às vozes de artistas mulheres. O destaque para as poesias escrita por mulheres, que também são percepções de mundo a partir de uma corporeidade específica, teve início em Brasília no ano de 2015. O *Slam* das Minas é um *poetry slam* ou batalha de poesia falada, organizado e disputado exclusivamente por mulheres e pessoas trans em diferentes localidades do Brasil. Esse movimento também é concebido enquanto grupo ou coletivo que se (re)produziu em outros lugares para além do seu lugar de origem. Tal como uma explosão potente, fragmentos desse realizar-se espalham-se feito sementes em diversas cidades do Brasil. Chega a São Paulo no ano seguinte e floresce no Rio de Janeiro em 2017 e atualmente o Coletivo está presente em 17 estados brasileiros.

Buscando tecer nexos entre teoria e prática, essa reflexão tem como materialidade a ação de apropriação de espaços públicos promovidos pelo Coletivo Slam das Minas (RJ). Essa ação pode ser lida enquanto uma forma criativa de apropriação de espaços da cidade do Rio de

⁵ Atende pelo nome artístico de Roberta Estrela D’alva

⁶ Campeonato Brasileiro de Poesia Falada

⁷ Segundo o levantamento, apenas os estados de Roraima, Amapá, Maranhão, Piauí, Tocantins e Goiás não contam com a presença de slams.

Janeiro por meio de intervenções artísticas. É preciso enfatizar para a(o) leitor(a), que os eventos do Slam das Minas (RJ) são sempre de caráter gratuito e com frequência realizados em espaços públicos. Nesse sentido, a questão da visibilidade, a política aliança em espaços públicos são horizontes analíticos que orientam nossa reflexão, com inspiração nas formulações de Judith Butler (2018).

Como consta em descrição fornecida pelo coletivo em seu website, O *Slam* das Minas RJ é um coletivo artístico independente que organiza uma batalha lúdico poética⁸, de forma itinerante e mensal no Estado do Rio de Janeiro. Essa ação pode ser concebida num primeiro momento, como uma manifestação artística que exemplifica as múltiplas formas possíveis de resistência e luta política, que no presente caso se dá através da arte. O Coletivo tem como protagonistas mulheres e pessoas trans não binária, com presença majoritária negra, tendo como surgimento o ano de 2017. É formado pelas poetisas Andrea Bak, Genesis, Moto Tai, Rainha do Verso e Tom Grito. Conta também com uma equipe técnica, tendo a produção de Débora Ambrósia, Lian Tai responsável pela produção de vídeos dos eventos e a sonorização fica por conta da Dj Bieta. Cabe pontuar aqui que os eventos organizados pelo coletivo têm um caráter de festa, de reunião e de celebração.

Em termos de projeto, o Coletivo Slam das Minas aponta para os sentidos dessa ação em sua autodefinição⁹, onde sinaliza que o horizonte de suas ações se situa na busca pela construção de “um espaço seguro e livre de opressões para o desenvolvimento da potência artística de mulheres (héteros, lésbicas, bis, pessoas queer, agender, não binárias e trans)”. Além desse caráter político de produção de espaços, o coletivo reconhece a importância de ocupar as ruas para acabar com a invisibilidade dessas pessoas. Bem como a possibilidade de estimular encontros e afetos a partir da construção desses eventos.

O primeiro espaço a ser disputado tem por configuração sua virtualidade, falamos aqui dos espaços-redes promovidos a partir da articulação da alta tecnologia. Também conhecidos como *redes sociais*, as plataformas digitais como o *Facebook* e o *Instagram* que grosso modo promovem conexões, ou encontros virtuais entre milhares de pessoas, sejam elas próximas e/ou distantes, são os meios utilizados para a criação de pontes pelo coletivo. Uma das possibilidades de uso desse objeto técnico-científico-informacional, signo da globalização nos termos de

⁸ definição possível para os eventos de slam

⁹ Informação fornecida pelo grupo a partir de seu website. Disponível em: <https://www.slamdasminasrj.com.br/>. Último acesso em 04/05/22.

Milton Santos ([1996] 2002), é a divulgação e promoção de eventos que irão materializar-se no futuro em espaços concretos.

O Coletivo Slam das Minas (RJ), bem como outros eventos de *slam* no geral utilizam as redes sociais como instrumento de promoção para suas ações. No *Facebook*, utiliza-se da ferramenta disponível pela rede que é a possibilidade de “criação de eventos”¹⁰ para seus usuários. Já no *Instagram*, uma rede social projetada para ser um espaço onde seus usuários se comunicam a partir da postagem de fotos e vídeos, a dinâmica se difere um pouco do *Facebook*. A divulgação dos eventos nessa plataforma se dá a partir de uma “postagem”¹¹ com o conteúdo. Essas duas ferramentas ou espaços-virtuais, são acionadas pelo Coletivo como meio para promover os encontros em espaços materiais. E é a partir delas que temos uma ampliação das possibilidades de encontros, além da promoção de visibilidade para as pautas que se levantam nos eventos.

Se tratando especificamente do *Slam* das Minas (RJ), os eventos ocorrem de forma itinerante e mensal na cidade do Rio de Janeiro. A ideia de ser um evento itinerante é justamente ampliar o acesso do público aos eventos, uma busca por democratizar o acesso à cultura nessa cidade que apresenta uma significativa inviabilização na mobilidade urbana de sua população. A escolha por ocupar as ruas, realizar os eventos em espaços públicos¹², tal como o Largo do Machado ou a Praça Mauá, ambos localizados na cidade do Rio de Janeiro, seguem uma escolha ideológica do coletivo, que reconhece a importância de estar nas ruas e realizar eventos gratuitos, tendo como horizonte democratizar o acesso ao espaço, bem como lutar pela conquista da equidade no acesso à cultura e possibilitar o acesso ao protagonismo (VELOSO, Ana Clara et al, 2019).

Um dos sentidos dessa ação, no nosso entendimento refere-se ao exercício que almeja deslocar-se do lugar de meros consumidores passivos da cultura do espetáculo (GUY DEBORD, 1997), com os sentidos reduzidos ao mero consumo de mercadorias e suas

¹⁰ 1 Os eventos podem ser públicos (qualquer pessoa com acesso à internet é capaz de encontrá-lo) ou privados (apenas os convidados escolhidos pelo criador do evento podem visualizá-lo). Nesse ato, o usuário pode fornecer informações como o local do evento, sua data e horário, bem como uma descrição sobre ele.

¹¹ ato de publicar uma foto (ou vídeo) em seu perfil da rede, onde o usuário conta com a possibilidade de escrever pequenos textos para acompanhar suas fotos.

¹² Cabe salientar que a escolha por espaços privados não é a regra. Quando essa escolha é feita, leva-se em consideração algumas questões como a previsão do tempo para o dia do evento, acesso à infraestrutura tal como banheiros e acesso à luz elétrica, bem como questões de segurança e acesso via transporte público.

representações, para ocupar o lugar de agente produtor de cultura. Cultura popular brasileira feita por mulheres, com destaque para as mulheres negras.



Figura 1: Edição Final Slam das Minas 2017, Largo do Machado (RJ). Foto de Bléia Campos, disponível no perfil do *Instagram* do Coletivo Slam das Minas RJ @slamdasminasrj

O *Slam* das Minas (RJ) teve seu primeiro evento realizado no dia 23 maio de 2017, no Largo do Machado, Zona Sul do Rio de Janeiro. A escolha do lugar segundo Tom Grito¹³, um de seus organizadores se deu por algumas questões práticas. Uma das integrantes do grupo na época era residente do bairro o que possibilitaria guardar os equipamentos necessários para a sonorização do evento, bem como sua relativa facilidade de acesso, já que o Largo fica próximo à uma estação de metrô, além de questões relativas à segurança pública, por ser um bairro localizado em uma “zona luminosa” da cidade, nos termos de Milton Santos ([1996] 2002), o

¹³ Se autodefine como Pessoa não binária transmasculine, utiliza pronomes masculinos e neutros (ele/elu/elle/él/he/they). Informação fornecida pelo grupo a partir de seu website. Disponível em: <https://www.slamdasminasrj.com.br/>. Último acesso em 04/05/22. Sobre a criação do Coletivo, encontramos no site I HATE FLASH em matéria publicada em 2017 informação relevante para pensar o processo de des/re-construção de Tom Grito. Nesse sentido: “O Slam das Minas já acontecia em capitais como São Paulo e Brasília, e decidimos produzi-lo no Rio, à nossa maneira. “Mas quem somos nós, as minas?” Letícia, que tivera a ideia do slam, questionava a própria identificação com o gênero feminino (2017, não paginado). Disponível em: <<https://ihateflash.net/zine/primeiro-slam-das-minas-rio-de-janeiro>> Último acesso em 04/08/21.

evento poderia contar com uma boa iluminação pública, o que acaba por refletir numa maior sensação de segurança ao público em questão.

Como bem nos lembra as formulações de Milton Santos ([1996] 2002) sobre o espaço, o espaço social é concebido enquanto uma relação de indissociabilidade entre sistema de objetos e sistemas de ações. Pensando o evento em questão, em termos de objetos mobilizados para a realização os eventos do Slam das Minas podemos salientar sua maleabilidade e flexibilidade. Para as batalhas acontecerem, utiliza-se o recurso de uma caixa de som e um microfone para ecoar as vozes. Atualmente o coletivo conta também com uma kombi utilizada como meio de transporte para às integrantes, nomeada como “Comuna Deusa”. Demanda também de acesso à energia elétrica e se possível, a estrutura de banheiros físicos.

Como nos conta Tom Grito¹⁴ (2019) uma tática encontrada pelo Coletivo para a realização de suas ações é justamente o uso desse instrumento menos moderno em termos de sonorização. O seu uso justifica-se porque é o que qualifica esse evento/ação como manifestação artística que se enquadram na Lei 3308/1916¹⁵, conhecida como a lei que autoriza as apresentações culturais realizadas por artistas de rua sem qualquer tipo de censura ou cerceamento. Esse conflito que pode vir a surgir nos faz lembrar que, mesmo o espaço social existindo enquanto um convite à ação (SANTOS, [1996] 2002), ele não é uma folha em branco, impondo limites e apresentando resistências para as ações dos sujeitos.

Um evento de *slam* num primeiro momento pode ser descrito como uma encenação tal como uma peça de teatro, onde o corpo e a voz são recursos que criam conexões entre artista e público. A literatura e a poesia oralizada, em conjunto com as performances corporais são os elementos principais desse acontecer. Sua configuração espacial lembra uma ágora (D’ALVA, 2011), tendo um corpo em destaque ao centro, e o público se espalhando ao seu redor, o que faz lembrar uma reunião em formato de semicírculo. Bem ao centro dessa reunião, encontra-se

¹⁴ Disponível na parte OCUPAÇÕES CULTURAIS: CONSTITUINDO OUTRA CIDADE (p.61) por Letícia Brito no livro DIREITO À CIDADE: Espaços de esperanças nas cidades de exceção/Bello,Enzo; Pires, Bojarski Cecília; Avzaradel, Saavedra Curvello Pedro (Org.). – 3 ed. – Rio de Janeiro: CEEJ, 2019

¹⁵ Projeto de Lei n. 3308/2019, pelo Deputado Alexandre Padilha (PT/SP), que "Dispõe sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos.

a figura do Slammaster¹⁶, responsável por conduzir a festa e o momento da batalha de poesias propriamente dita.

É Tom Grito¹⁷, poeta que compõem o grupo desde o início quem geralmente ocupa o lugar de Slammaster nos eventos do Slam das Minas (RJ). É quem dá início a programação e explica para o público como funciona um slam. O slammaster explica que apesar da atribuição de notas aos poemas, o Coletivo não acredita na hierarquização das poesias, que essa prática faz parte da configuração dos slams, mas que tudo não se passa de uma brincadeira.

Tratando-se do público em questão, é notório que a participação feminina é majoritária. Mulheres jovens compõe grande parte do público, mas também é possível reconhecer a presença de Homens no evento, mesmo que em menor número e crianças acompanhadas de seus responsáveis. Os homens cisgêneros¹⁸ no Slam das Minas, são convidados a rever seus privilégios e mais do que isso, são convocados a ocuparem o lugar de ouvintes. O lugar de escuta se torna potente quando nossos ouvidos estão genuinamente abertos a ouvir a mensagem compartilhada.

Sobre o conteúdo dos discursos, pode-se dizer que não são poesias distantes do cotidiano, ou das ruas, mas uma que se faz por meio dele, a partir das ruas. As poetas, de maioria jovem e com protagonismo negro, versam sobre os mais variados problemas presentes em países que passaram pelo processo de conquista colonial da qual o Brasil não escapou. Falamos de um cotidiano marcado pela distribuição desigual de poder e pela produção de situações de marginalidade impostas.

Em termos de espaço, o slam configura-se como uma espécie de roda ou um semicírculo formado pelo público. O momento de apresentação das poetas, que é efêmero e vibrante cativa a atenção do público. Os corpos daquelas e daqueles que se encontram no lugar de espectadoras(es) fazem do chão uma espécie de arquibancada. A poeta antes de se apresentar é convocada por uma espécie de grito de guerra, este que é um código significativo do Coletivo, evocado por quem se encontra no lugar de Slammaster. Possuí tal forma: “eu digo, slam vocês

¹⁶ No meio dos slams a pessoa que ocupa esse lugar é nomeada como Mestre de cerimônia, ou Slammaster tendo por responsabilidade apresentar às poetas ao público, contabilizar as notas dadas pelos jurados ao final de cada apresentação realizada e conduzir a organização geral do momento da batalha de poesias.

¹⁷ Se identifica como pessoa não binária transmasculine.

¹⁸ Nomenclatura utilizada para definir indivíduos que se identificam com o gênero e o sexo que lhe foram atribuídos no nascimento.

dizem!” e o público grita “Minas!”. Um gesto representativo que busca ao mesmo tempo chamar atenção para à poeta e propor uma interação com o público, tão importante para o acontecer dessa ação. Uma sinergia e uma vibração calorosa são produzidas, possível de ser reconhecida por meio dos olhares atentos para o centro da roda. Os textos das poetas que se apresentam no Slam das Minas (RJ), são majoritariamente engajados politicamente, embora isso não seja um pré-requisito (VELOSO et al, 2019, p.5).

As poesias compartilhadas nos eventos do Slam das Minas RJ possuem em maioria um conteúdo autobiográfico e identitário. Em termos gerais, aparecem com frequência temas como questões de gênero, racismo, machismo, negritude, críticas à violência do Estado, empoderamento feminino, direito à cidade, posicionamentos políticos, bem como a experiência de viver em situação de periferização. As(os) poetas declamam suas poesias por meio de performances poéticas e corporais, tendo como um dos sentidos da ação, levar ao lugar do “outro”, trata-se de narrativas construídas tendo como horizonte tocar através da voz. Ao despertar a emoção e evocar sensações no público, a poeta em seus gestos torna possível um convite ao reconhecimento e a visibilidade para questões atuais urgentes. E é justamente esse convite à empatia uma das características mais marcantes nessa ação em nossa concepção.

Tecendo Laços: Espaço, teoria e as potencialidades do/no Slam

Tendo por inspiração uma abordagem lefebvriana, o foco do nosso olhar tem como farol à vida cotidiana. Indo na direção contrária ao pensamento que concebe os espaços como mero reflexo da sociedade em que está situado, independente da existência da matéria, a priori, imóvel, tido como dado e acabado (HARVEY, 2012), o ponto do qual partimos é a concepção de espaço enquanto condição, meio e produto da sociedade (LEFEBVRE, [1974] 2013). Essa leitura é o elo que une as percepções dos autores situados enquanto interlocutores do movimento de renovação da geografia, também nomeado de Geografia Crítica (CORRÊA, 1995), localizados enquanto movimento de reafirmação da espacialidade como problemática central da geografia (SANTOS, 1996; MASSEY, 2004; HARVEY 2012).

O objetivo dessa orientação de método é pensar a produção, as relações e os sentidos dos espaços. O espaço concebido enquanto coexistência e coetaneidade como sugere Doreen Massey (2004). Ele não é um dado no qual cabe aos pesquisadores e investigadores apenas o

papel de descrição e constatação. Como discutido por Doreen Massey (2004) o espaço na sua condição de multiplicidade, é meio, condição e produto da ação e reprodução da vida social de homens e mulheres, leitura também defendida por Milton Santos ([1996] 2002).

Tendo por orientação as contribuições do pensamento marxista, as formulações dos autores apontam para a necessidade de problematizar a produção do espaço, não concebê-lo como finalizado, dado, pelo contrário. Como argumenta Massey (2004) o espaço é aberto, em condição de devir, o que nos permite pensar sobre a possibilidade de fazer política e imaginar configurações outras, tecer diálogos com a espacialidade produzida no/do *slam*. Milton Santos ([1996] 2002) permite pensar o dinamismo e a multiplicidade intrínsecas ao espaço, onde diz: “que é, ao mesmo tempo, uma condição para a ação; uma estrutura de controle, um limite à ação; um convite à ação” (SANTOS, 1996, p.321). Trata-se de pensar o espaço como relacional.

A perspectiva do espaço relacional implica reconhecer que o espaço não é uma simples folha em branco ou um palco à espera do acontecer. Ele impõe resistências, detêm um certo grau de humanidade e imprevisibilidade, não é passivo, pelo contrário, exerce um papel ativo no processo de constituição das sociedades. O espaço é então essa esfera da co-existência e simultaneidade (MASSEY, 2004).

Esse espaço enquanto meio depende do conjunto de ações que o animam, o tornando espaço geográfico a partir das relações, como sugere Milton Santos (1996). Neste seguimento, nosso olhar para o *slam* o concebe enquanto espacialidade que dá novos sentidos e provoca outros usos possíveis aos espaços. Em leitura dialética, faz surgir um conflito à prática de redução do espaço ao valor de troca característico da racionalidade capitalista imposta aos espaços, onde o quantitativo reina sobre o qualitativo (GOLDAMANN, 1977). Enquanto ação de intervenção cultural e política a partir da poesia (DE SÁ, 2021) é impactado pelas restrições que imperam sobre o substrato material da cidade. Para realizar-se, a organização do evento legitima-se por meio da reivindicação de **Lei 3308/19**, este que autoriza as apresentações culturais realizadas por **artistas de rua** sem qualquer tipo de censura ou cerceamento.

A respeito de sua forma, foi projetada pelos urbanistas para abrigar determinados usos possíveis, o espaço concebido pela razão tecnocrática (LEFEBVRE, [1974], 1991, p.66), mas como nos aponta Santos (ibid, 1996), apesar de pré-determinado, são os usos dos objetos que o definem, sendo ele próprio enquanto objeto incapaz de se definir. Nessa ação escolhida, a

espacialidade do *slam*, produzida a partir da apropriação dos espaços públicos da metrópole carioca, no caso dos eventos do Slam das Minas (RJ) o que se vislumbra são os usos no espaço, idealizado para ser um espaço seguro para mulheres organizarem-se politicamente por meio da arte e promover intervenções culturais e políticas a partir da palavra. A intencionalidade situa-se na busca por propor outros usos para essa forma concebida.

A presente pesquisa é uma tentativa de pensar os eventos que se dão no espaço banal (SANTOS, 1996), esse espaço que é o espaço de todos, independente do seu grau de poder. Onde co-habitam as verticalidades e as horizontalidades. Operacionalizada a partir de um olhar para o cotidiano, é possível perceber disputas políticas protagonizadas por mulheres auto organizadas a partir da arte. Falamos aqui de um foco em existências que se fazem re-existência. Em diálogo com Milton Santos (1996), enxergamos nesse movimento a construção de eventos produtores de uma solidariedade orgânica (SILVEIRA, 2006) que se dão no âmbito do lugar. O evento *Slam* das Minas (RJ) transita por espaços virtuais enquanto ato projetado para materializar-se em espaços da cidade e sua existência prolonga-se a partir de registros audiovisuais e fotográficos nesse espaço das redes de comunicação típicas do atual período técnico-científico-informacional (SANTOS, 1996).

Em termos de escala geográfica de análise, o realizar-se do evento acontece na escala da cidade, especificamente em espaços públicos da centralidade do Rio de Janeiro. Sua dimensão é a do cotidiano, de ocupar às ruas, apropriar-se desse espaço tanto de maneira simbólica como também prática. Trata-se de uma ação que aponta para as possibilidades, sobre outros usos possíveis para as formas materiais da cidade. Em diálogo com Milton Santos ([1996] 2002), é na escala do lugar que o cotidiano acontece, que a vida urbana toma forma. Ele é em um só tempo alvo de interesses de atores hegemônicos, que buscam operacionalizá-lo a fim de manter os espaços sobre a cartilha da racionalidade neoliberal, chamadas de “ordens precisas de ações condicionadas” (SANTOS, 2002, p.322). Mas como espaço complexo que abriga muitos usos e fins, estão presentes também os tensionamentos, as brechas, a busca por outras lógicas e usos, o *slam* em nossa concepção ocupa esse lugar de tática que reivindica outros usos do/no espaço.

Para Milton Santos ([1996] 2002), o lugar é a base da vida comum e cooperação e conflito fazem parte do seu acontecer. Em nossa leitura do fenômeno, as apropriações do espaço público promovidas pelo Coletivo *Slam* das Minas (RJ) tem como uma de suas virtualidades a

tática de transformar esses espaços em lugares, numa leitura dessa categoria como espaços profícuos para o desenvolvimento de sentimentos positivos e afetividade. É nesse sentido que Santos aponta sobre as simultaneidades, onde o lugar também é “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.” (p.322). Nesse sentido, o evento *Slam* das Minas se apresenta enquanto ação que busca provocar e tensionar a lógica formal aplicada aos lugares da cidade onde se materializam. A partir da arte, promovem-se encontros que são a um só tempo espaços de reivindicação política e espaços simbólicos. São construídos ali laços e afetos que almejam criar pontes por meio da palavra. Espaços efêmeros produzidos a partir do encontro e da arte com potencialidades de constituir-se enquanto espaços plurais de construção de conhecimento e formação política por meio de poesias e intervenções culturais.

Pensemos que essa ação, o agir poético, depende de um sistema de técnicas para realizar-se, e é portadora de múltiplas representações. A poesia possui para cada sujeito um sentido e significado, podendo ser ao mesmo tempo uno e coletivo. Para alguns pode ser considerada como um abrigo. Pode também receber de empréstimo a função terapêutica, onde as linhas são transformadas num córrego por onde fazemos passar toda angústia que motivou o ato de escrever. No processo de execução da escrita da poesia, muitas vezes o que se busca é a externalização dos sentimentos vividos, na tentativa de elaborar melhor o que se sente. Se ouvir, no anseio de entender ou mesmo expressar uma revolta diante daquilo que incomoda.

Tratando-se de um projeto político intencionado, o Coletivo Slam das Minas (RJ) tem no seu fazer um horizonte de luta constante. Um ato projetado que mira o possível, mesmo que ainda não concretizado, nos termos de Lefebvre. Falamos aqui do objetivo de criação de um “espaço seguro e livre de opressões para o desenvolvimento da potência artística de mulheres [héteras, lésbicas, bis, ou trans] pessoas queer, agender, não binárias e homens trans”.¹⁹ Almeja-se com essa ação dotada de propósitos fazer-se cumprir o direito de aparecer (BUTLER, 2018) e estimular a potência das companheiras(os) a partir de encontros e afetos. Judith Butler (2018) em seu livro *Corpos em aliança e a política das ruas* nos ajuda a construir diálogos entre teórica e prática, onde sugere que

¹⁹ Informação fornecida pelo grupo a partir de seu website. Disponível em: <<https://www.slamdasmnasrj.com.br/>>

quando os corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público (incluindo os virtuais), eles estão exercitando o direito plural e performático de aparecer, um direito que afirma e que instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma exigência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária (BUTLER, 2018, p.17).

As lutas de mulheres auto-organizadas quando se apropriam do espaço público têm como pauta não só o direito à cidade, como também o direito a decidir sobre o seu corpo e o direito de permanecerem vivas diante da realidade opressiva fruto da dominação patriarcal, do racismo e da desigualdade de classe. A ação de apropriação das mulheres do espaço urbano reafirma uma leitura possível do direito à cidade proposta por Lefebvre ([1968] 2001), um direito orgânico que amplia o sentido de habitar. Fala-se aqui de uma luta política que tem como reivindicação o direito à produção do espaço. Quando evidenciamos essas ações é porque enxergamos o seu potencial transformador, que busca tensionar o ordenamento vigente. O horizonte de luta é um apelo por uma vida digna, livre e emancipada. Lutamos pela cidade como obra coletiva, pelo urbano renovado e por nossas vidas.

As apropriações do espaço promovidas pelo Coletivo Slam das Minas (RJ) por meio da produção do evento *slam* são lidas como projeto dotado de propósitos de luta política, estes que se materializam a partir da promoção de ações aqui que são entendidas enquanto lutas de mulheres e pessoas trans auto-organizadas pelo direito à cidade, ao corpo e a existência emancipada. Ocupar as ruas é fundamental, é reivindicar a defesa e celebração da diferença entre os corpos, o respeito para com todas as formas de expressão de sexualidade e de gênero. É se fazer presente e reivindicar o direito coletivo aos espaços produzidos da cidade. É tensionar as limitações que tentam nos parar e buscar a apropriação da produção coletiva da cidade enquanto obra. Propor outros usos para a mesma, reivindicar o direito à sua produção, a reivindicação maior na discussão sobre o direito à cidade na visão de Henri Lefebvre ([1991] 2001).

O pensamento dos autores nos permite pensar o espaço enquanto possibilidade de encontros, entre trajetórias, histórias, entre tempos, culturas, visões de mundo. O espaço como plano das diferenças como aponta Doreen Massey (2004). Nesse sentido, encontramos aberturas de diálogos possíveis com a espacialidade produzida pelo *Slam* das Minas (RJ). Nessa ação, o que se busca é a construção de um espaço seguro e livre de opressões, mesmo que

momentâneo, visando contribuir para o desenvolvimento da potência artística de mulheres, com todas as suas diferenças e singularidades, respeitadas e contempladas, tal como o próprio coletivo define sua ação-projeto. Mesmo efêmero, esse encontro potente busca o incentivo à criação de laços de identificação entre as participantes, empatia e respeito mútuo. O evento busca se prolongar a partir do espaço virtual das redes e faz de seu perfil na Rede Social *Instagram* um meio de estender o alcance de seus discursos políticos.

Situamo-nos enquanto uma análise tentativa de pensar as formas criativas de (re)produção do espaço, atentos à escala da vida urbana por meio de um olhar que busca se debruçar sobre os processos de apropriação, produção e qualificação de espaços da cidade a partir do evento *Slam* das Minas (RJ), lido aqui enquanto ação produtora de espacialidade, que reivindica a construção coletiva de um espaço de insurgência por meio da arte. São ações que evidenciam as disputas pelo sentido do lugar e que ocasionam rupturas, mesmo que momentâneas, no ordenamento territorial orientado pela razão neoliberal. No *Slam* das Minas (RJ), a poesia torna-se protesto. Esse evento é concebido aqui como um movimento que mira a apropriação de espaços públicos da metrópole carioca, na busca por produzir espaços de insurgência por meio do uso da arte. Uma ação que nos inspira a pensar outras imaginações possíveis de uma nova política do espaço como sugere Doreen Massey (2004), este concebido enquanto aberto, plural e um convite para o agir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo na simplicidade aparente dessa forma de produção e ocupação momentânea, o espaço do Slam representa uma potência. Diferentes corpos reunidos usam do corpo, da arte e das palavras como forma de protesto. No *Slam* das Minas (RJ), a poesia torna-se um espaço de luta, de denúncia da permanência de estruturas de dominação, mas não só. Constrói-se ali também como um espaço de esperança. A poesia é um convite a imaginar um real possível, mesmo que ainda se pareça muito longe de alcançado. O lugar da liberdade para sonhar futuros outros, bem diferentes desse que a realidade nos apresenta. Lugares onde a brincadeira, o gozo e a afetividade sobressaiam à redução da vida ao consumo de mercadorias. Uma técnica cujo uso é dotado de um projeto, orientado pelo desejo tornar possível a produção de um mundo radicalmente diferente. São ações que evidenciam as disputas pelo sentido do lugar e que ocasionam rupturas, mesmo que momentâneas, no ordenamento territorial orientado pela razão neoliberal. E que nos inspira a pensar outras imaginações possíveis de uma nova política do espaço como sugere Doreen Massey (2004), este concebido enquanto aberto, plural e um convite para o agir.

REFERÊNCIAS

BRITO, Letícia. OCUPAÇÕES CULTURAIS: CONSTITUINDO OUTRA CIDADE (p.61). DIREITO À CIDADE: **Espaços de esperanças nas cidades de exceção**/Bello, Enzo; Pires, Bojarski Cecília; Avzaradel, Saavedra Curvello Pedro (Org.). – 3 ed. – Rio de Janeiro: CEEJ, 2019.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito-chave da Geografia. **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 15-47, 1995.

D'ALVA, Roberta Estrela. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça-o poetry slam entra em cena. **Synergies Brésil**, n. 9, p. 119-126, 2011.

_____. SLAM: voz de levante. **Rebento**, n. 10, p. 268-286, 2019.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DE SÁ, Tayná Corrêa. Revolução através da palavra: reflexões acerca do uso da literatura e da oralidade como expressão social e atuação política no Slam das Minas-RJ. **GIS-Gesto, Imagem e Som-Revista de Antropologia**, v. 6, n. 1, 2021.

FREITAS, Daniela Silva de. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, 2020.

GOLDMAN, Lucien. A reificação das relações sociais. In FORACCHI, Maria Mencarini, MARTINS, José de Souza. **Sociologia e sociedade**. Rio de Janeiro: LTC, 1977, p. 137-146.

HARVEY, David. O espaço como palavra-chave. **GEOgraphia**, v. 14, n. 28, p. 8-39, 2012.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. **La producción del espacio**. Madrid: Capitán Swing, 2013.

_____. **O direito à cidade**. São Paulo, 1991, p. 103-117;141-145.

MASSEY, Doreen. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. **GEOgraphia**, v. 6, n. 12, 2004.

NASCIMENTO, Roberta Marques do. **Vocigrafias.2019.XXf.Tese** (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

OLIVEIRA, Anita Loureiro de. Geografias corporificadas: outras narrativas da vida na metrópole. **Metrópole e Crise Societária: Resistir para existir**. Editora Consequência, Rio de Janeiro, 2019.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma epistemologia da existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**, v. 21, n. 1, 1996.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

SILVEIRA, Maria Laura. O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. **GEOUSP Espaço e Tempo** (Online), v. 10, n. 2, p. 81-91, 2006.

SOMERS-WILLET, Susan B. A. (2009). **The cultural politics of slam poetry: race, identity and the performance of popular verse in America**. Ann Arbor: University of Michigan Press.

VELOSO, A. C., ESTEVÃO, A., LACOMBE, F., NARANJO, S., & MAIA, T. Slam das Minas RJ: A Articulação das Mulheres pela Poesia e pelo Território, 2019.

LINKS

Coletivo Slam das Minas (RJ)- Disponível em:
<<https://www.slamdasminasrj.com.br/>>. Último acesso em: 20/05/22

Perfil no Instagram do Slam das Minas (RJ) – Disponível em: <
<https://www.instagram.com/slamdasminasrj/>>. Último acesso em: 20/05/22

Documentário Slam das Minas (RJ)- Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=miESAIKmPlk>>